

Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Política Social e Serviço Social

Sub-eixo: Crise, trabalho e tendências contemporâneas das políticas sociais no capitalismo

FAMÍLIAS E MULHERES NEGRAS: TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADOS NO BRASIL

ANDRÉA DE SOUSA GAMA¹

CASSIA MARIA CARLOTO²

EDILANE BERTELLI³

LILIANE MOSER⁴

VANESSA BEZERRA DE SOUZA⁵

RESUMO

O trabalho analisa a realização de afazeres domésticos e de cuidados entre mulheres ocupadas, cujas famílias apresentam demandas de cuidados, em uma perspectiva interseccional, apartir de dados da PNAD Contínua/2022. Os resultados mostram a maior carga de trabalho doméstico e de cuidados entre mulheres pretas e pardas e a urgência de políticas sociais que incidam sobre a divisão sexual e racial do trabalho reprodutivo.

Palavras-chave: Famílias Negras; Divisão Sexual e Racial do Trabalho; Cuidados; Políticas de Proteção Social

ABSTRACT

The paper analyzes the performance of domestic and care tasks among employed women, whose families have care demands, from an intersectional perspective, based on data from PNAD Contínua/2022. The results show that the greatest burden of domestic and care work continues among women black and brown women, and the urgency of social policies that impact the sexual and racial division of reproductive labor.

Keywords: Black Families; Sexual and Racial Division of

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

² Universidade Estadual de Londrina

³ Universidade Federal de Santa Catarina

⁴ Universidade Federal de Santa Catarina

⁵ Universidade Federal do Rio de Janeiro

Labor;Care; Social Protection Policies

INTRODUÇÃO

Sob a égide do familismo e do maternalismo, acirrada com a adoção de medidas neoliberais nas políticas protetivas da América Latina, tem-se delegado às mulheres a responsabilidade pelo cuidado dos integrantes das famílias – que apresentam algum grau de dependência, tais como: crianças, adolescentes, enfermos crônicos, pessoas com deficiência, pessoas idosas, adultos em geral. Isso se agrava entre as mais pobres – mulheres negras em sua maioria – já que não podem recorrer ao trabalho de cuidados pago oferecido pelo mercado. Implica, portanto, a produção da proteção social de resolução significativamente individual e privada; fortemente estratificada e segmentada consoante a renda familiar e, indubitavelmente, a divisão sexual e racial do trabalho no Sul Global.

O cuidado é parte da organização social e, como diz Esquivel *et al.* (2012), para entendê-lo é necessário prestar atenção não só aos aspectos microsociais, mas também entender o papel das políticas sociais na “provisión y regulación de relaciones de cuidado, actividades y responsabilidades, asignados a diferentes instituciones y sujetos. Segundo Pautassi (2013), o reconhecimento do cuidado como direito implica incorporar padrões e princípios na atuação de Estados democráticos em situações concretas e também contribui para a consecução de políticas e práticas equitativas, ao mesmo tempo se aportam indicadores para a verificação de seu cumprimento, os quais cobram uma centralidade indiscutível para garantir os direitos de cada pessoa de cuidar e cuidar-se, como também para quem necessita de cuidados.

A imensa carga de atividades cotidianas de gestão, sustentação e reprodução da vida, como a preparação de alimentos, a manutenção da limpeza e organização dos domicílios, o apoio às mais diversas atividades do cotidiano a pessoas com diversos graus de autonomia ou dependência, tem sido historicamente realizada pelas mulheres no interior de seus próprios domicílios. Esta forma de organização social dos cuidados sobrecarrega extremamente às mulheres, em especial as mais pobres e negras com menores rendimentos, colocando fortes barreiras à conclusão das suas trajetórias educacionais e à sua inserção no mercado de trabalho e na vida pública em igualdade de condições com os homens, comprometendo suas possibilidades de geração de renda e a sua autonomia econômica e, contribuindo, assim, para a reprodução da pobreza e da desigualdade (Gama, 2014). Esse contexto se agrava a partir da insuficiência das políticas e programas sociais para amparar as famílias na criação dos filhos e nos cuidados com seus dependentes, situação que demanda das famílias, novas estratégias



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

para assegurar a proteção de seus membros. Se associarmos a pobreza à condição de raça/etnia, no caso das mulheres negras aumentam as dificuldades de inserção no mundo do trabalho, assim como a qualidade do emprego.

Na sociedade brasileira, o trabalho doméstico e de cuidados carrega as marcas da divisão sexual do trabalho imbricada a dimensão racializada dessa forma de trabalho. A provisão de cuidados tem se mantido, majoritariamente, de responsabilidade de mulheres negras, tanto no trabalho doméstico e de cuidados não remunerados e desenvolvidos no interior de seus domicílios, quanto nas formas remuneradas formal e informalmente no mercado de trabalho (Brasil, 2023). Essa dimensão é agravada pela perspectiva familista que prevalece nas políticas públicas.

Segundo Oliveira e Ribeiro (2022), para as mulheres negras a indissociabilidade entre cuidado e trabalho faz parte da herança escravocrata, alicerçada no racismo estrutural, que as confinou no trabalho de cuidado desde a diáspora africana. Sendo assim, o reconhecimento do trabalho não remunerado do cuidado contribui para visibilizar a divisão sexual e racial do trabalho no âmbito da reprodução social, possibilitando compreender as assimetrias de raça, gênero e classe, bem como compreender os desafios que as mulheres, sobretudo negras, enfrentam para acessar e permanecer no trabalho remunerado.

Ademais, a Taxa de Realização de Afazeres Domésticos (TRAD) e a Taxa de Realização de Cuidados de Pessoas (TRCD), conforme os dados da PNAD Contínua (2022), demonstram que são trabalhos predominantemente realizados por mulheres em quaisquer estratos social, todavia, às mulheres pobres e negras esses indicadores implicam quantum maior do tempo em horas e dias na vida cotidiana.

Visando aprofundar esse debate, este trabalho analisa resultados alcançados na etapa de análise quantitativa do projeto de pesquisa interinstitucional intitulado “Tensões entre trabalho e família: análise das políticas públicas na organização do cuidado na vida familiar no Brasil”⁶ – cujo propósito foi analisar políticas sociais que se relacionam e afetam as tensões entre trabalho e família, com ênfase às especificidades das mulheres no contexto do mercado de trabalho e na divisão sexual do trabalho doméstico nas famílias. Para tanto, a análise pautou-se nos dados estatísticos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) de 2022, especialmente no suplemento “Outras formas de trabalho”.

À seleção da população de interesse neste estudo, foram considerados os critérios de ocupação e composição familiar. Consonante ao objetivo dessa pesquisa, configuraram-se

⁶ Aprovado pelo Edital CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021 – UNIVERSAL.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

quatro tipos de composição familiar, correspondentes a 40,2% da população brasileira em 2022. A composição da amostra, citada no decorrer do texto, representa a seguinte categorização: i) tipo 1 - famílias de casal sem filhos e com a presença de uma pessoa acima de 60 anos; ii) tipo 2 - famílias compostas por casais com filhos de 0 a 5 anos e/ou a presença de idosos; iii) tipo 3 - famílias de mulheres responsáveis por filhos de 0 a 5 anos, sem cônjuge residindo no domicílio; iv) tipo 4 - famílias chefiadas por mulheres sem cônjuge, sem filhos no domicílio e com pelo menos uma pessoa idosa. Ademais, diante da perspectiva analítica são confrontados os dados para mulheres e homens ocupados, segundo raça/cor e renda familiar com as variáveis de realização de trabalhos domésticos e de cuidados.

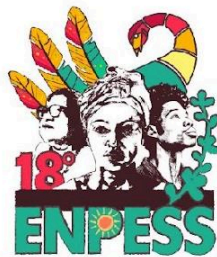
DESIGUALDADES RACIAIS NAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS

O racismo estrutural, enquanto sistema ideológico e conjunto de práticas, expressa sua eficácia na medida em que estabelece uma divisão sexual e racial do trabalho e é compartilhado por todas as formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas. Desta forma, para a manutenção da sociabilidade burguesa, é um dos critérios de maior importância na articulação dos mecanismos de recrutamento para as posições na estrutura de classes e no sistema de estratificação social (Gonzalez, 2020).

Concordamos com González (2020) de que o perfil de desigualdades raciais no Brasil não é um mero legado do passado, mas sim, perpetuado pela estrutura desigual de oportunidades sociais a que a população branca e a população negra estão expostas no presente. Para a autora, a população negra sofre uma desvantagem competitiva em todas as etapas do processo de mobilidade social individual. As possibilidades de escaparem às limitações de uma posição social inferior são menores que as da população branca da mesma origem social, assim como são maiores as dificuldades para manter as posições já conquistadas.

Concernente às condições de vida das mulheres negras na sociedade brasileira, Gonzalez (2020), Carneiro (2011) e Nascimento (2021) assinalaram o posicionamento das mulheres negras na base da pirâmide social, determinada pela opressão de raça, gênero e classe. Essas mulheres concentram menores rendimentos, sendo a maioria na execução do trabalho de cuidados e domésticos, bem como os piores indicadores sociais e econômicos, ao mesmo tempo que contribuem expressivamente para a sustentação do modo de produção e reprodução capitalista (Oliveira; Ribeiro, 2022).

Os dados coletados na pesquisa corroboram as constatações dessas autoras. Com



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

relação à distribuição relativa da população ocupada por tipos de composição familiar e raça/cor, houve a predominância de famílias negras entre aquelas em que a pessoa de referência é uma mulher, sem cônjuge e com filhos de 0 a 5 anos, contrastando com a proporcionalidade maior de famílias brancas formadas por casal, sem filhos e com a presença de pessoa acima de 60 anos. Conforme a Tabela 1, constata-se a distribuição da população negra entre todos os tipos de família, porém, com maior incidência de famílias negras entre aquelas monoparentais femininas com filhos pequenos e/ou pessoas idosas, o que sinaliza, para estas, maiores carga e sobrecarga nos trabalhos domésticos e de cuidados.

Tabela 1 - Distribuição da população ocupada segundo composição familiar e raça/cor, Brasil - 2022

Composição Familiar	Raça/Cor				Proporção de Pretos/Pardos (%)
	Brancos		Pretos/Pardos		
	N	%	N	%	
Tipo 1: Casais sem filhos e com presença de pessoa acima de 60 anos.	1.801.465	13,35	1.597.125	10,26	47,0
Tipo 2: Casais com filhos de 0 a 5 anos e/ou presença de pessoa acima de 60 anos.	10.428.050	77,25	12.190.180	78,32	53,9
Tipo 3: Pessoa de referência mulher sem cônjuge e com filhos de 0 a 5 anos	474.370	3,51	873.905	5,61	64,8
Tipo 4: Pessoa de referência mulher, sem cônjuge, sem filhos, com presença de pessoa acima de 60 anos	794.897	5,89	903.484	5,80	53,2
Total	13.498.782	100,00	15.564.695	100,00	53,6

Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2022). Tópico suplementar: Outras formas de trabalho, 5ª Visita

Concomitantemente, analisamos a distribuição da população ocupada no Brasil, em 2022, por tipos de composição familiar, decis de renda domiciliar per capita, sexo e raça/cor:

- Tipo 1, percebe-se que a proporção de homens brancos cresce consistentemente com o aumento dos decis de renda, atingindo seu pico no décimo decil com 35,29%, o que sugere que entre os casais sem filhos e com um idoso, homens brancos estão mais representados nos maiores níveis de renda. As mulheres pretas/pardas também aumentam sua representação nos decis mais altos de renda, mas em proporção menor, com 16,27% no décimo decil.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

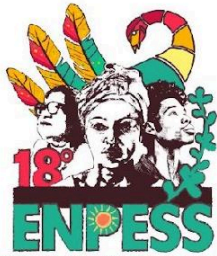
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

- Tipo 2, a população ocupada com casais com filhos pequenos e/ou com a presença de idosos, a tendência é semelhante, com aumento na proporção de homens brancos conforme os decis de renda aumentam, chegando a 19,66% no décimo decil. Mulheres pretas/pardas apresentam um pico de 15,19% no sexto decil, indicando uma distribuição mais ampla ao longo dos diferentes níveis de renda.
- Tipo 3, que se refere a mulheres sem cônjuge e com filhos pequenos, há um pico distinto no segundo decil para mulheres pretas/pardas, alcançando 24,43% no segundo decil. Isso sugere que as mulheres pretas/pardas que são mães sem cônjuge tendem a ter concentração nos decis de renda mais baixos.
- Tipo 4, a população de mulheres sem cônjuge e sem filhos, mas com a presença de uma pessoa idosa, a proporção de mulheres brancas cresce até o décimo decil, onde constitui 37,08% da população ocupada.

Sinteticamente, consoante aos indicadores sociais supracitados, em todas as composições familiares, homens brancos estão mais presentes nos níveis mais altos de renda, enquanto mulheres pretas/pardas, especialmente aquelas sem cônjuge com filhos pequenos, estão mais presentes nos níveis mais baixos de renda. Isso evidencia desigualdades raciais e de gênero no mercado de trabalho brasileiro, onde homens brancos tendem a ocupar faixas de renda superiores e mulheres pretas/pardas, sobretudo as mães sem cônjuge que se concentram nas faixas de renda inferiores.

Quando observadas a posição na ocupação por sexo, raça/cor e tipo de composição familiar, verificamos que os tipos de família 2 e 3, com presença de crianças pequenas, apresentam a maior prevalência entre os empregos formais, tanto para homens e mulheres brancas, quanto entre homens e mulheres pretas/pardas. Nas famílias com presença de idosos (tipos 1 e 4), verificamos entre as mulheres brancas e pretas/pardas a maior incidência no mercado informal de trabalho, ou seja, desprotegidas socialmente pela legislação trabalhista. Isso pode indicar uma baixa oferta de políticas de cuidados aos idosos, o que implica maiores desafios na tentativa de conciliação entre trabalho e cuidados, impelindo-as ao emprego informal.

A análise sobre os diferenciais de gênero, classe, raça/cor resultou na constatação de que as mulheres brancas apresentaram maiores taxas nos empregos formais em comparação às mulheres negras em todos os tipos de composição familiar, confirmando desigualdades raciais do trabalho. Haja vista a inserção, historicamente, maior em trabalhos informais (emprego sem carteira assinada, conta própria, trabalho doméstico com e sem carteira assinada) entre as



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

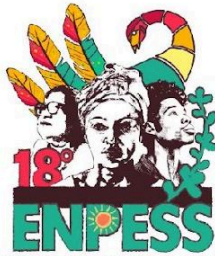
mulheres pretas e pardas nas famílias do tipo 3 - monoparentais femininas com filhos pequenos. Conforme vários estudos, são trabalhos com salários e jornadas de trabalho menores, com desproteção social e trabalhista, portanto, mais precarizados, que reverberam em menores níveis de renda familiar e piores condições de vida.

TRABALHOS DOMÉSTICOS E DE CUIDADOS EM PERSPECTIVA INTERSECCIONAL

Nos trabalhos de cuidados a partir dos domicílios estão incluídos: todo o trabalho doméstico – limpar, cozinhar, lavar, passar etc. –, que são atividades necessárias para a subsistência e a qualidade de vida; as atividades de providências e de compras fora de casa e todas as atividades que significam cuidado direto do corpo e dos aspectos emocionais, afetivos e de relacionamento. Todas essas atividades requerem tempo e energia da parte de quem as realiza.

Participar no mercado de trabalho e fazer trabalhos de cuidados não é somente uma questão de horas de trabalho, mas um problema bem mais profundo que se especifica na capacidade de “acesso a um trabalho remunerado” – está relacionado com os objetivos de cada um desses trabalhos: o objetivo do primeiro é conseguir rendimentos e benefícios e, o do segundo, o bem-estar das pessoas (Picchio, 2001). Esses objetivos se contrapõem e representam maneiras diferentes de trabalhar e diferentes condições de trabalho, responsabilidades e dedicação, criando profundas tensões nas pessoas que os realizam e os assumem, na maioria mulheres. Essas tensões permaneceram ocultas, na medida em que o trabalho não remunerado é considerado como uma “coisa” doméstica, da esfera supostamente privada da família, separada da esfera pública e não reconhecida como fundamental para a sustentabilidade humana e para o bem-estar das pessoas (Carrasco; Borderias; Torns 2011).

Na PNAD Contínua (2022) são considerados afazeres domésticos: preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar as louças; cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos; fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio; limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim; cuidar da organização do domicílio; fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio; cuidar dos animais domésticos. Em relação aos cuidados, são considerados trabalho não remunerado: auxiliar nos cuidados pessoais; auxiliar em atividades educacionais; ler, jogar ou brincar; monitorar ou fazer companhia dentro do domicílio; transportar ou acompanhar para escola, médico, exames, parque, etc.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

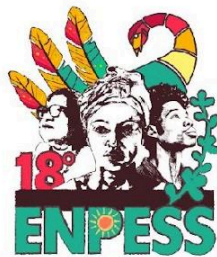
10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Afazeres domésticos

A análise da Taxa de Realização de Afazeres Domésticos (TRAD), por tipos de composição familiar e sexo no Brasil (2022), demonstra que as mulheres tiveram índices superiores aos de homens em todos os tipos de composição familiar (Tabela 2). Entretanto, o tipo 3 apresentou a maior taxa às mulheres. Família majoritariamente racializada, que engloba, geralmente, menos integrantes adultos na família e, ao mesmo tempo, com crianças pequenas, que demandam mais tempo de cuidados e de afazeres domésticos. Ademais, a Tabela 2 mostra a TRAD desagregada por tipos de composição familiar, por sexo e raça/cor, donde se observa que as mulheres, em todos os tipos de composição familiar, tiveram a taxa de realização de afazeres domésticos significativamente maior do que os homens.

No Tipo 1, casais sem filhos e com idosos, as mulheres brancas e pretas/pardas apresentaram taxas de 89,40% e 89,08%, enquanto os homens brancos e pretos/pardos tiveram taxas de 78,78% e 76,69%, respectivamente. No Tipo 2, casais com filhos pequenos e/ou idosos, as taxas aumentam para as mulheres, chegando a 90,38% para as brancas e 92,12% para as pretas/pardas, indicando maior participação feminina nos afazeres domésticos quando há crianças ou idosos envolvidos. Os homens desse grupo também apresentaram um leve aumento em comparação ao Tipo 1, com 78,16% para brancos e 77,36% para pretos/pardos. Para o Tipo 3, chefes de famílias monoparentais com filhos pequenos, a taxa para as mulheres é ainda mais elevada, sendo 94,11% para brancas e 94,67% para pretas/pardas. Os indicadores demonstram a carga adicional de trabalho doméstico às mulheres que criam a prole sozinhas e cuja proporção maior era composta de famílias chefiadas por mulheres pretas/pardas.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Tabela 2 - Taxa de Realização de Afazeres Domésticos por composição familiar, sexo e raça/cor - Brasil, 2022

Composição familiar	Homens		Mulheres	
	Branco	Pretos/Pardos	Branco	Pretas/Pardas
Tipo 1: Casais sem filhos e com presença de pessoa acima de 60 anos	78,78	76,69	89,40	89,08
Tipo 2: Casais com filhos de 0 a 5 anos e/ou presença de pessoa acima de 60 anos	78,16	77,36	90,38	92,12
Tipo 3: Pessoa de referência mulher sem cônjuge e com filhos de 0 a 5 anos	68,06	67,34	94,11	94,67
Tipo 4: Pessoa de referência mulher, sem cônjuge, sem filhos, com presença de pessoa acima de 60 anos	63,34	65,70	83,60	86,35

Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2022). Tópico suplementar: Outras formas de trabalho, 5ª Visita

Há diferenças significativas na TRAD entre homens e mulheres e entre os diferentes tipos de composição familiar e a renda familiar. Em todos os tipos de composição familiar, as mulheres tiveram taxas consistentemente mais altas de realização de afazeres domésticos em comparação aos de homens – reiterando padrões tradicionais de divisão de tarefas domésticas por gênero. Para o Tipo 1, a taxa de realização de afazeres domésticos entre as mulheres se mantém alta e relativamente estável em todos os decis de renda, enquanto a dos homens também é estável, mas em nível significativamente menor. No Tipo 2, observamos padrão similar, com taxa alta e estável para as mulheres ao longo dos decis de renda, enquanto a dos homens aumenta ligeiramente nos decis maiores, porém, permanecendo abaixo da taxa feminina. Quanto ao Tipo 3, o diferencial é ainda mais pronunciado, com as taxas femininas se mantendo maioritariamente elevadas altas em todos os decis de renda. No Tipo 4, as taxas para mulheres são altas e consistentes, assim como nos outros tipos, e a taxa para os homens, apesar de menor, mostram o aumento nos decis de renda mais altos.

Desagregando os dados por raça/cor, observa-se a mesma tendência de que as mulheres se dedicam mais aos afazeres domésticos do que os homens em todas as composições familiares, independentemente da raça/cor ou do decil de renda. Além disso,

essa diferença é mais pronunciada nas famílias do Tipo 3, em que as mulheres são as chefes de família e se encontra a maior população preta e parda. Os diferenciais entre homens e mulheres, ocupados e desocupados, apresentam tendência similar à observada em todas as categorias familiares: as mulheres apresentam uma TRAD mais alta do que os homens, independentemente da raça/cor e situação de ocupação. Verificamos a disparidade de gênero nas responsabilidades domésticas, concomitantemente a incidência acentuada nas famílias monoparentais chefiadas por mulheres.

Além disso, as mulheres desocupadas tendem a ter as taxas mais altas de realização de afazeres domésticos em todas as composições familiares, o que pode refletir tanto a disponibilidade de tempo, quanto as expectativas sociais de gênero. Enquanto, como demonstram estudos similares, a ocupação tem menos impacto sobre a TRAD dos homens, mas quando afeta, os desocupados têm uma tendência a realizar menos afazeres domésticos do que os ocupados, exceto para os homens que vivem em famílias do tipo 1 ou tipo 4.

A Tabela 3 apresenta as taxas de realização de afazeres domésticos, diferenciado por tipo de composição familiar, sexo, raça/cor e tipos específicos de tarefas domésticas. Mulheres, em todas as estruturas familiares, demonstram maior engajamento nos afazeres domésticos em relação aos homens. As atividades de preparação de alimentos, limpeza e compras para a casa são dominadas por elas, com taxas significativamente altas em comparação com seus pares masculinos. Os homens só ultrapassam as mulheres em atividades relacionadas à realização de pequenos reparos ou manutenção do domicílio, refletindo o modelo tradicional de divisão de tarefas baseado em gênero.

No Tipo 1, as mulheres pretas/pardas superam ligeiramente as brancas na realização de tarefas como preparar ou servir alimentos, enquanto nos homens, a diferença entre brancos e pretos/pardos é mais notável, como na organização do domicílio, onde os brancos têm uma taxa de realização maior. No Tipo 3, mulheres pretas/pardas lideram em praticamente todas as categorias de afazeres domésticos, com taxas que frequentemente ultrapassam 90%, o que indica um peso desproporcional de trabalho doméstico sobre essas mulheres, em comparação com suas contrapartes brancas. Nos homens há um padrão menos consistente, mas ainda é possível identificar que os homens pretos/pardos têm taxas menores de realização de tarefas domésticas do que os brancos em vários tipos de atividades, especialmente aquelas mais tradicionalmente associadas ao trabalho feminino. Contudo, nos afazeres externos como limpeza ou arrumação de áreas ao ar livre, as taxas

entre homens brancos e pretos/pardos são comparáveis e relativamente mais elevadas do que em outras tarefas domésticas.

Tabela 3 - Taxa de Realização de Afazeres Domésticos por composição familiar, sexo, raça/cor e tipo de afazeres domésticos, Brasil, 2022

Tipos de Família	Afazeres domésticos	Homem		Mulher	
		Branco	Preto Pardo	Branca	Preta Parda
Tipo 1	Preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar as louças	48,4	41,6	86,3	86,7
	Cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos	41,8	38,6	81,8	82,5
	Fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio	45,9	44,7	27,9	26,4
	Limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim	55,5	53,1	70,6	73,6
	Cuidar da organização do domicílio	61,2	54,4	66,2	63,5
	Fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio	61,7	55,9	70,9	66,8
	Cuidar dos animais domésticos	36,3	35,9	44,7	44,9
Tipo 2	Preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar as louças	48,8	44,4	86,1	88,7
	Cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos	43,3	40,6	82,6	86,3
	Fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio	48,4	47,7	30,3	29,7
	Limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim	54,6	52,8	72,4	77,0
	Cuidar da organização do domicílio	58,3	53,6	67,8	66,2
	Fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio	59,4	55,9	71,5	70,7
	Cuidar dos animais domésticos	38,5	35,0	49,0	46,5
Tipo 3	Preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar as louças	41,7	41,5	89,0	92,9
	Cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos	40,9	41,3	88,5	90,3
	Fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio	30,9	32,7	41,3	40,8
	Limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim	44,4	48,2	83,5	85,4
	Cuidar da organização do domicílio	37,2	32,0	80,6	78,7
	Fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio	36,3	35,9	82,1	81,7
	Cuidar dos animais domésticos	26,4	31,5	47,0	42,4

	Preparar ou servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar as louças	38,0	38,6	79,9	82,6
	Cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos	36,6	37,9	74,5	77,7
	Fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio	33,3	34,4	23,0	24,9
Tipo 4	Limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim	42,9	44,3	66,1	72,1
	Cuidar da organização do domicílio	39,9	39,8	65,7	66,7
	Fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio	42,5	41,3	67,4	66,4
	Cuidar dos animais domésticos	25,2	29,0	37,3	38,8

Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2022). Tópico suplementar: Outras formas de trabalho, 5ª Visita

Cuidado de pessoas

Neste tópico são apresentados dados relativos à Taxa de Realização de Cuidados de Pessoas (TRCD) por tipos de composição familiar, sexo e raça/cor interseccionados com níveis de renda domiciliar per capita e tipos de cuidados. Tal qual na TRAD, os resultados sugerem que, em geral, as mulheres tendem a assumir maior parcela dos cuidados de pessoas em comparação com os homens, especialmente em composições familiares que envolvem

crianças pequenas ou idosos. Isso reflete as construções de gênero que atribuem às mulheres a responsabilidade primária pelos cuidados de pessoas nas famílias.

Ao desagregar os dados por raça/cor (Tabela 4), observa-se que, no tipo 1, as mulheres pretas/pardas possuem a maior taxa de realização de cuidados (16,85%), seguidas pelas brancas (13,38%), característica igualmente constatada entre os homens, cujos pretos/pardos também apresentaram taxa maior (11,18%) em comparação aos brancos (9,69%). Indica, portanto, que os cuidados com pessoas idosas são mais frequentemente assumidos por mulheres e com maior envolvimento de pessoas pretas/pardas neste trabalho. O Tipo 2, observa-se tendência similar: as mulheres pretas/pardas lideram com a maior taxa (59,29%), seguidas pelas brancas (51,34%). Os homens pretos/pardos (45,16%) igualmente superam os brancos (40,77%) na realização de cuidados, apontando a participação de cuidadores masculinos pretos/pardos com crianças ou idosos superior aos brancos. Quanto ao Tipo 3, não casualmente, as taxas são ainda

maiores, as pretas/pardas com 76,64% e as brancas com 74,80%. No Tipo 4, as mulheres pretas/pardas novamente apresentam taxa de realização de cuidados superior (14,96%) à de mulheres brancas (10,45%). Característica igualmente observada na relação homens pretos/pardos (14,53%) e homens brancos (13,03%). Entretanto, as taxas de realização de cuidados pelos homens são menores entre todos os tipos de configurações familiares.

Tabela 4 - Taxa de Realização de Cuidados de Pessoas por tipo de família, sexo e raça/cor, Brasil - 2022

Composição familiar	Homem		Mulher	
	Branco	Pretos/Pardos	Branco	Pretas/Pardas
Tipo 1: Casais sem filhos e com presença de pessoa acima de 60 anos	9,69	11,18	13,38	16,85
Tipo 2: Casais com filhos de 0 a 5 anos e/ou presença de pessoa acima de 60 anos	40,77	45,16	51,34	59,29
Tipo 3: Pessoa de referência mulher sem cônjuge e com filhos de 0 a 5 anos	42,55	40,98	74,80	76,64
Tipo 4: Pessoa de referência mulher, sem cônjuge, sem filhos, com presença de pessoa acima de 60 anos	13,03	14,53	10,45	14,96

Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2022). Tópico suplementar: Outras formas de trabalho, 5ª Visita

Quando analisamos a TRCD por tipos de composição familiar, sexo e decis de renda domiciliar per capita, há duas tendências visíveis: as mulheres têm taxas mais altas do que homens, independentemente do tipo de composição familiar ou da faixa de renda de realização de cuidados de pessoas em comparação com os homens; e a relação entre TRCD e renda varia: em geral, a TRCD diminui à medida que a renda aumenta, indicando que pessoas em famílias com renda mais baixa tendem a assumir mais cuidados pessoais do que aquelas em famílias mais ricas.

A responsabilidade pelos cuidados das pessoas tende a ser maior em famílias com menor renda per capita e racializadas. A carga de cuidados é consistentemente maior para as mulheres em todas as faixas de renda e tipos de família. Seguindo essas análises com a variável raça/cor, constatamos, ainda, que em todos os tipos de composição familiar, as mulheres, principalmente as pretas/pardas, apontaram TRCD maior do que os homens e maior entre as famílias mais pobres.

Tabela 5 - Taxa de Realização de Cuidados de Pessoas por composição familiar, sexo e tipos de cuidados –

Tipos de Famílias	Tipo de Cuidados de Pessoas	Homem		Mulher	
		Branco	Preto Pardo	Branca	Preta Parda
Tipo 1	Auxiliar nos cuidados pessoais	5,6	11,5	10,3	13,1
	Auxiliar em atividades educacionais	1,6	3,0	2,5	3,6
	Ler, jogar ou brincar	2,1	3,2	2,7	3,9
	Monitorar ou fazer companhia dentro do domicílio	8,2	12,2	11,1	13,7
	Transportar ou acompanhar para escola, médico, exames, parque, etc.	5,9	8,2	7,2	9,2
Tipo 2	Auxiliar nos cuidados pessoais	33,4	35,5	48,2	56,0
	Auxiliar em atividades educacionais	27,2	28,0	39,6	45,4
	Ler, jogar ou brincar	34,0	36,7	44,5	50,6
	Monitorar ou fazer companhia dentro do domicílio	36,6	39,7	48,4	55,7
	Transportar ou acompanhar para escola, médico, exames, parque, etc.	31,0	31,9	40,9	44,8
Tipo 3	Auxiliar nos cuidados pessoais	28,0	26,0	71,0	73,8
	Auxiliar em atividades educacionais	24,7	22,1	61,2	65,2
	Ler, jogar ou brincar	35,1	32,3	68,2	70,0
	Monitorar ou fazer companhia dentro do domicílio	37,5	35,1	71,6	73,0
	Transportar ou acompanhar para escola, médico, exames, parque, etc.	24,5	20,8	61,2	62,4
Tipo 4	Auxiliar nos cuidados pessoais	7,5	8,4	8,4	12,6
	Auxiliar em atividades educacionais	1,8	2,2	2,1	4,1
	Ler, jogar ou brincar	2,3	2,3	2,3	4,4
	Monitorar ou fazer companhia dentro do domicílio	11,6	12,1	9,0	13,0
	Transportar ou acompanhar para escola, médico, exames, parque, etc.	8,2	8,3	6,4	9,2

Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2022). Tópico suplementar: Outras formas de trabalho, 5ª Visita

No que diz respeito aos tipos de cuidados de pessoas, há algumas diferenças marcantes entre homens e mulheres (Tabela 5). Apesar de as mulheres terem uma TRCD mais alta do que os homens, em todos os tipos de cuidados e em todos os tipos de composição familiar a diferença entre homens e mulheres é mais acentuada em alguns tipos de cuidados do que em outros.

No Tipo 1 de composição familiar, as taxas de realização de auxílio nos cuidados pessoais e atividades de lazer ou educacionais são geralmente baixas. No entanto, homens e mulheres pretos/pardos relatam participação ligeiramente maior nessas atividades do que os brancos, e mulheres, em geral, relatam maior envolvimento do que homens em todas as

atividades listadas. Para o Tipo 2, as taxas de realização de todas as atividades são significativamente mais altas, refletindo o aumento da necessidade de cuidados em famílias com crianças e/ou idosos. Aqui também, mulheres pretas/pardas lideram com as maiores taxas em quase todas as atividades, seguidas de perto pelas mulheres brancas. Os homens apresentam menor participação, mas ainda assim, os pretos/pardos têm taxas maiores do que os brancos. Em famílias do Tipo 3, que são lideradas por mulheres sem cônjuges e com filhos pequenos, as taxas de realização de cuidados por mulheres são extremamente altas, especialmente em atividades pessoais e educacionais. Isso sugere um alto grau de envolvimento das mães na educação e no cuidado direto dos filhos. O Tipo 4 mostra taxas mais baixas de realização de cuidados, mas ainda assim, as mulheres, particularmente as pretas/pardas, reportam maior envolvimento em comparação aos homens. As atividades de monitoramento e transporte são notáveis, onde as mulheres têm taxas de realização significativamente mais altas que os homens.

Ao analisar a TRCD por tipos de cuidados e nível de renda domiciliar per capita, constatamos que, em geral, as mulheres tendem a dedicar mais tempo aos cuidados de pessoas do que os homens, independentemente do tipo de cuidado e nível de renda. No Tipo 1, observamos que os cuidados são menos frequentes, mas ainda assim mais realizados pelas mulheres, especialmente entre as 20% mais pobres. No Tipo 2, que inclui casais com filhos de 0 a 5 anos e/ou presença de pessoas acima de 60 anos, há uma demanda substancial por cuidados que recai mais sobre as mulheres, especialmente as mais pobres. Essa tendência também é observada no Tipo 3, que se destaca com as taxas mais altas entre as mulheres, indicando que mulheres responsáveis por filhos pequenos ou outros dependentes sem a presença de um cônjuge têm um envolvimento considerável em cuidados pessoais e educação, especialmente entre as 20% mais pobres. O Tipo 4 mostra as taxas mais baixas de realização de cuidados, mas ainda com uma taxa maior entre as mulheres em comparação com os homens.

Estes padrões reafirmam a divisão social, sexual e racial no que se refere à distribuição do trabalho de cuidados dentro do lar, com as mulheres assumindo a maior parte dessas responsabilidades, um fenômeno que é amplificado em lares com menor renda per capita, e, não menos, a construção de análises sob as perspectivas da interseccionalidade e/ou da consubstancialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados demonstram a imprescindibilidade da adoção de uma perspectiva

interseccional para a compreensão do cuidado no Brasil, posto que é estruturado num sistema interligado de opressão de raça, gênero e classe. Raça, devido ao racismo estrutural e à colonialidade presentes na formação sócio-histórica do Brasil; gênero, pela naturalização da função de cuidar ao feminino que estrutura os papéis sociais e, classe, pelas desigualdades na organização, distribuição e provisão social dos cuidados (Oliveira; Ribeiro, 2022).

Aqui vale evocar Gonzalez e Hasenbalg (2022) que sustentam a ideia de lugar como resultante de práticas discriminatórias impostas à população negra que atuam no sentido de regular suas aspirações através da construção dos “lugares apropriados”. Na história brasileira, o lugar *apropriado* das mulheres negras sempre foi o lugar do cuidado.

Na ausência ou precariedade de serviços sociais públicos universais de proteção social que considerem as dimensões de classe social, de gênero e de raça, a responsabilização de cuidados que atendam as necessidades humanas impera nos domicílios e nas famílias sob as hostes do trabalho familiar não remunerado de mulheres. Em que pesem mudanças sociais e demográficas em relação às mulheres e às famílias brasileiras, observa-se a permanência desigual na divisão social, sexual e racial do trabalho de cuidado, essencial à humanidade. Diante disso urge a criação de mecanismos de suporte social.

No mês de julho de 2024, foi enviado ao Congresso o Projeto de Lei da Política Nacional de Cuidados. Ao comunicar o seu lançamento, a Secretária Nacional da Política de Cuidados e Família, ligada ao Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, destacou, “A Política Nacional de Cuidados terá a missão de garantir os direitos tanto das pessoas que necessitam cuidados quanto das que cuidam, com especial atenção às desigualdades de gênero, raça, etnia e territoriais, além de promover as mudanças necessárias para uma divisão mais igualitária do trabalho de cuidados dentro das famílias, mas também entre mercado, comunidade e Estado (...) A Política tem o objetivo garantir o acesso ao cuidado de qualidade para quem dele necessita, o trabalho decente para trabalhadoras e trabalhadores remunerados do cuidado e a redução da sobrecarga de trabalho para quem cuida de forma não remunerada – que são fundamentalmente as mulheres” (Observa Cuidados, 2024).

Almeja-se que essa iniciativa governamental possa de fato avançar na provisão de serviços e ampliação de direitos na perspectiva de tensionar as históricas desigualdades sociais, de gênero e raciais brasileiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Nota Informativa nº1/2023 MDS/SNFC. As mulheres negras no trabalho de cuidado.* Brasília, DF março de 2023.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade Social no Brasil.* Ed. Selo Negro, São Paulo, 2011.

CARRASCO, Cristina. *Estatísticas Sob Suspeita: proposta de novos indicadores com base na experiência das mulheres.* Tradução Valenzuela Perez. São Paulo, SOF Sempreviva Organização Feminista, 2012.

CARRASCO, Cristina, BORDERÍAS Lourdes, TORNS, Teresa. El trabajo de cuidados: Antecedentes históricos y debates actuales. In: *El trabajo de cuidados: história, teoria y políticas.* Ed. Catarata, Madrid, 2011.

ESQUIVEL, V.; FAUR, E.; JELIN, E. *Las lógicas del cuidado infantil.* Entre las familias, el Estado y el mercado. Buenos Aires: IDES 2012.

GAMA, Andréa de Sousa. *Trabalho, família e gênero: impactos dos direitos do trabalho e da Educação infantil (1a ed.)* São Paulo: Cortez, 2014.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.* Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro.* Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

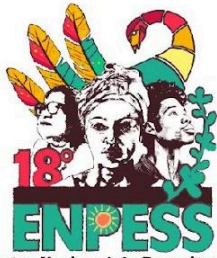
NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras.* Rio de Janeiro, Zahar: 2021.

OBSERVA CUIDADOS. [LANÇAMENTO] *Projeto de Lei da Política Nacional de Cuidados será enviado ao Congresso Nacional.* Mensagem de e-mail recebida por: andreasgama@gmail.com 02 jul. 2024.

OLIVEIRA, Antonio Carlos; RIBEIRO, Thamires da S. Mulheres negras na provisão e distribuição de cuidados no Brasil. *Revista Praia Vermelha*, v. 32, n. 2, p.289-313, jul./dez. 2022.

PAUTASSI, L. Perspectivas actuales en torno al enfoque de derechos y cuidado: la autonomía em tensión. *Las fronteras del cuidado: agenda, derechos e infraestructura*, Pautassi L. Zibbecchi C., Buenos Ayres: Editora Biblos, 2013, pp. 99-132.

PICCHIO, A. Visibilidad Analítica y política del trabajo de reproducción social. In *Mujeres y Economía. Nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas*, organizador por C. Carrasco, 201-244. Icaria, Barcelona, 2010.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social